

La Comédiathèque

De tempos a tempos

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:**

<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

De tempos a tempos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

*Desde a pré-história até ao fim do mundo,
alguns instantâneos das nossas vidas insignificantes.*

Comédia em doze sketches

- 1 – O fogo sagrado
- 2 – Cinema em casa
- 3 – Quando for grande
- 4 – Rabanadas
- 5 – A porta
- 6 – Sala dupla
- 7 – Aqui a Terra
- 8 – Inspeção técnica
- 9 – Esperar
- 10 – O quadro
- 11 – Diploma com distinção
- 12 – Os fantasmas

Elenco

24 personagens

O elenco é muito flexível quanto ao número e ao género dos intérpretes.
Cada intérprete pode desempenhar vários papéis e todas as personagens
podem ser interpretadas por homens ou por mulheres.

De 2 a 24 intérpretes.

1. O fogo sagrado

Ela entra quase nua, com uma bolsa de pele a tiracolo. Ele chega pouco depois, vestido da mesma maneira e também com uma bolsa. À primeira vista, poderiam parecer dois veraneantes na praia. Ele parece querer meter conversa, mas hesita. Por fim, ganha coragem.

Ele – Desculpe, tem lume, por favor?

Ela – Sim, claro...

Ela remexe na bolsa e tira dois pedregulhos parecidos com sílex. Começa a batê-los um contra o outro, sem grande resultado.

Ela – Desculpe, ainda não estou totalmente familiarizada com as novas tecnologias...

Ele – Não faz mal, sabe? Eu também não sou muito...

Sem lhe prestar atenção, volta a tentar, em vão. Irrita-se e bate as pedras uma na outra com cada vez mais força, quase histericamente.

Ela – Porra...!

Ele – Não, a sério, deixe estar! Posso perfeitamente arranjar outra solução...

Ela recupera a calma, deixa de bater nas pedras e guarda-as na bolsa.

Ela – Mil desculpas...

Ele – Não, por favor... Podia ter-se magoado...

Momento de embaraço.

Ela – E o lume... era para quê?

Ele tira da bolsa um pequeno animal de peluche bastante realista.

Ele – Para assar isto.

Ela – Ah, claro...

Ele – Eu sei, não é muito grande, mas... foi o único que encontrei.

Ela – Pois... E então...

Ele – Dizem que, depois de assada, a carne é mais fácil de digerir. Pelo menos é o que se diz...

Ela – Bem, diz-se tanta coisa... Até agora sempre comemos carne crua e nunca ninguém morreu.

Ele – Pelo menos, ninguém morreu por causa disso.

Ela – Portanto... é caçador-recoletor.

Ele – Sim... Enfim... Mais recoletor do que caçador, para dizer a verdade.

Ela – Sim, eu... Imagino.

Ele – Tenho a certeza de que um dia chegaremos a isso.

Ela – A quê?

Ele – Um dia havemos de deixar de comer carne, vai ver. A fruta e os legumes fazem muito melhor à saúde.

Ela – Eu cá tento comer pelo menos cinco por dia.

Ele – E sempre são mais fáceis de apanhar do que os animais.

Ela – Pois é...

Os dois riem, um tanto embaraçados.

Ele – Bem, então eu... Vou andando...

Ela – Está bem... Mais uma vez, desculpe a questão do lume.

Nenhum dos dois parece querer despedir-se. Ele continua a segurar o bichinho pela cauda e volta a ganhar coragem.

Ele – Olhe, já agora, estava a pensar... O que vai fazer à hora de almoço?

Ela – Nada de especial... Estava aqui a olhar para as nuvens... Para passar o tempo.

Ele – Ah, sim, as nuvens... É que estava a pensar... Talvez pudéssemos almoçar juntos...

Ela – Acha mesmo que há suficiente para dois...?

Ele olha para o bichinho, pouco convencido.

Ele – Ah, não, mas... também tenho legumes.

Ele tira da bolsa um alho-francês pequeno e mostra-lho.

Ela – Ah, sim... Ótimo... Para acompanhar o...

Ele – Comer demais... também não faz bem à saúde.

Ela – É verdade... Bem, então aceito.

Ele – Moro mesmo aqui ao lado, se lhe apetecer...

Ela – Portanto... é novo aqui no bairro? É que nunca nos cruzámos...

Ele – Sim... Encontrei uma gruta aqui perto... Não entra muita luz, mas tem um pé-direito espetacular.

Ela – E muito bem localizada.

Ele – Fiz uns desenhos na parede do fundo, para dar um pouco de vida ao espaço.

Ela – Ah, também é artista?

Ele – Sim, bem, estou a começar... Gostaria de os ver?

Ela – Ver o quê?

Ele – As minhas pinturas rupestres!

Ela – Ah, claro! Porque não? O que representam?

Ele – Eu, a lutar com uma salada.

Riém outra vez.

Ela – E... como é que se chama?

Ele – Não sei. Não costumo chamar por mim. E a senhora?

Ela – Eu também não...

Ele – Bem... Então vamos?

Ela – Tem razão, é melhor despacharmo-nos. Parece-me que não tarda a cair uma chuvada.

Ele – Ah, sim?

Ela – Muitas vezes, quando há muitas nuvens no céu, depois chove. Nunca reparou?

Ele – Não, mas... agora que fala nisso... A senhora é mais cientista, não é?

Ela – Bem... Tento observar o mundo à minha volta. E também ouvir o meu corpo...

Ele – De acordo... E... fez outras descobertas interessantes?

Ela – Vai ver... Ainda o vou surpreender...

Saem.

2. Cinema em casa

Ela está a consultar a programação dos cinemas. Ele chega.

Ela – Então, como correu o dia?

Ele – Bem, mas estou de rastos. E tu?

Ela – O costume... Mas felizmente já é sexta-feira! O que te apetece fazer hoje à noite?

Ele – Não sei. E tu, o que queres?

Ela – Podíamos ir ao cinema.

Ele – Pois... O que é que há de interessante em cartaz?

Ela – Há um filme coreano num cinema do centro. Tem críticas excelentes. Mas aviso-te: dura duas horas e quarenta minutos.

Ele – Fantástico... Em versão original, suponho...

Ela – Claro.

Ele – Coreano do Norte ou coreano do Sul?

Ela – Porquê? Dominas melhor uma dessas línguas do que a outra?

Ele – Não, mas... já agora, o sotaque do Sul é sempre mais melodioso.

Ela – De qualquer maneira, duvido que na Coreia do Norte haja película suficiente para filmar duas horas e quarenta minutos.

Ele – Melhor assim...

Ela – Ou então há um filme polaco de que uma amiga me falou. Diz que é muito bom.

Ele – Polaco? Sobre o que é?

Ela – Um vírus espalha-se pelo planeta inteiro e obriga toda a gente a ficar confinada em casa. Com todas as consequências que isso pode ter na vida de um casal...

Ele – Ficção científica não me agrada muito... E ficção científica polaca, ainda menos...

Ela – Já percebi...

Ele – E, francamente... Sair de casa para ir ver num ecrã gigante pessoas que se aborrecem em casa... E ainda por cima polacos.

Ela – Diz antes que não gostas de cinema de autor e acabamos mais depressa.

Ele – Não é verdade. Gostei muito de Kieślowski. Ele é polaco, não é?

Ela – Sim.

Ele – O Decálogo, por exemplo. Lembro-me perfeitamente. Vimos os doze!

Ela – Os doze, achas?

Ele – Não vimos todos?

Ela – Só há dez.

Ele – Tens a certeza?

Ela – O Decálogo.

Ele – Ah, pois, talvez. De qualquer maneira, vimos todos.

Ela – Foi há muito tempo... Quando nos conhecemos. Ainda vivíamos em casa dos nossos pais e passávamos metade da sessão aos beijos...

Ele – Tens razão. De certeza que foi daí que nasceu a minha paixão pelo cinema polaco.

Ela – Quanto ao resto, não sei se te lembras de grande coisa. Eu também não. Ler legendas enquanto se dá um beijo de língua à pessoa ao lado... Só sendo contorcionista...

Ele – Seja como for, gostei muito.

Ela – Do filme ou...?

Ele – Das duas coisas.

Ela – Então e o cinema? Vamos ou não?

Ele – À sexta-feira, vai haver bastante gente, não?

Ela – Sim... É o dia em que as pessoas que trabalham vão ao cinema.

Ele – E agora que podemos andar aos beijos sossegadamente em casa, à frente da televisão, para quê ir ao cinema?

Ele aproxima-se dela e abraça-a.

Ela – Andarmos aos beijos no cinema fazia-nos sentir mais novos. Pelo menos era uma mudança...

Ele – Pois, mas se depois não virmos nada do filme... E daqui a vinte anos ainda me estiveres a atirar isso à cara...

Ela – Pronto, ganhaste. Então ficamos a ver televisão.

Ele – O que é que dão de interessante?

Ela consulta uma revista de televisão.

Ela – Olha que curioso...

Ele – O quê?

Ela – Olha... Num canal cultural vão repetir o Decálogo completo, de Kieślowski.

Ele – Ah, sim... Mas como já os vimos...

Ela – Lembro-te que não os vimos propriamente em condições ideais.

Ele – Pois, mas... cinema na televisão não funciona, pois não?

Ela – Ah... Que azar.

Ele – Porquê?

Ela – Aqueles dez filmes de Kieślowski foram feitos inicialmente para a televisão polaca. Por isso é que duravam menos de uma hora e, no cinema, passavam-nos dois de cada vez.

Ele – Dois de cada vez? Ah... Então é por isso que, no fim de cada sessão, eu nunca percebia o que é que aquilo tinha a ver com o princípio. Afinal, eram dois filmes diferentes...

Ela – Exatamente... E, depois de passares a primeira meia hora a apalpar-me, costumavas adormecer antes do segundo filme...

Ele – Tinhas mesmo de gostar muito de mim.

Ela – E tu de mim... para te deixares arrastar cinco vezes ao cinema para ver dez filmes em polaco. E ainda gostas de mim?

Ele – Tanto como no primeiro dia do primeiro filme dos Dez Mandamentos.

Ela – Ao menos lembras-te de qual era?

Ele – Qual?

Ela – O primeiro mandamento.

Ele – Não, disso também não me lembro.

Ela – Não terás outro Deus além de mim.

Ele – Prometo que não terei olhos para mais ninguém.

Ela – Ámen.

Ele – Agora já posso beijar a noiva?

Ela – Espera pelo menos que eu ligue a televisão...

3. Quando for grande

Duas crianças (que também podem ser interpretadas por adultos).

Um – E tu, o que queres ser quando fores grande?

Dois – Quando for grande, quero ser muito grande.

Um – Muito grande? Quão grande?

Dois – Sei lá... Uns dois metros e oitenta, estás a ver?

Um – Dois metros e oitenta?

Dois – Maior do que o meu pai, pelo menos.

Um – E quanto mede o teu pai?

Dois – Uns dois metros e setenta, mais ou menos.

Um – Ena... E a tua mãe?

Dois – Um bocadinho menos. Uns dois metros e sessenta, talvez. E o teu pai, quanto mede?

Um – O meu pai? Não sei...

Dois – Mais ou menos.

Um – Acho que uns dois metros e cinquenta.

Dois – Ah, sim... Não é muito alto.

Um – Não... *(Pausa)* Tens a certeza de que o teu pai é assim tão alto?

Dois – Tenho... *(Pausa)* Em todo o caso, a minha mãe está sempre a chamar-lhe «grande parvalhão».

O outro lança-lhe um olhar perplexo.

Um – E a ti, como é que a tua mãe te chama?

Dois – «Pequeno parvalhão».

Pausa.

Um – Não te preocupes. Um dia nós também havemos de ser uns grandes parvalhões.

4. Rabanadas

Os dois estão ali, sem saber muito bem o que fazer.

Ela – E se eu fizesse rabanadas?

Ele – Ah, sim... Porque não? Boa ideia... Mas temos pão duro?

Ela – Pão duro? Pois, não, acho que não...

Ele – Bem...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Queres que vá comprar?

Ela – Pão duro?

Ele – Pão fresco.

Ela – Achas que também se conseguem fazer rabanadas com pão fresco?

Ele – Porque não?

Ela – Não sei... Nunca experimentei.

Ele – Se ficam boas com pão duro, com pão fresco ainda devem ficar melhores, não?

Ela – Achas?

Ele – Mas, pensando bem... As rabanadas servem sobretudo para aproveitar o pão que ficou duro.

Ela – Pois... Aquele pão que, de outra forma, estaria perdido e acabaria no lixo.

Ele – Isso mesmo... Para não desperdiçar comida, enquanto há tanta gente a morrer de fome no mundo.

Ela – Percebo... Tinha perdido de vista a dimensão moral das rabanadas.

Ele – No fundo, fazemos rabanadas só para nos empanturrarmos, porque gostamos delas. Mas o pretexto é não desperdiçar comida. É uma sobremesa muito jesuíta...

Ela – Eu só queria comer rabanadas.

Ele – Os católicos têm mesmo um problema com o pão.

Ela – Ah, sim?

Ele – O pão da Eucaristia é o corpo de Cristo, não é? Uma espécie de rabanada sagrada...

Ela – Não sei... Podíamos perguntar à vizinha.

Ele – É católica, a vizinha?

Ela – Perguntar-lhe se tem pão duro!

Ele – Ah, claro...

Ela – Pois é...

Ele – A sério, imaginas-te a pedir à vizinha que nos dê o pão duro dela?

Ela – Não.

Ele – Se tivéssemos coelhos, ainda vá.

Ela – Os coelhos comem rabanadas?

Ele – Os coelhos comem pão duro!

Ela – Não sabia.

Ele – No campo, as pessoas guardam o pão duro para dar aos coelhos. Para não desperdiçar nada. E depois comem o coelho...

Ela – Então, no campo nunca fazem rabanadas?

Ele – Os que não têm coelhos, talvez.

Ela – E eu que pensava que as rabanadas eram uma receita de avó.

Ele – De avós sem coelhos, pelo menos.

Ela – Bem... Então esquecemos as rabanadas?

Ele – Ir comprar pão fresco para fazer rabanadas... seria completamente imoral.

Ela – Sim... como dar pão fresco aos coelhos.

Ele – Ou dar compota aos porcos.

Ela – Mesmo assim, vou à padaria. Compro duas baguetes.

Ele – Não é um bocadinho demais?

Ela – Assim amanhã temos pão duro!

Ele – Estás a ver? Acaba por haver sempre uma solução. Já que vais às compras, vê se ainda temos ovos.

Ela – Ovos...?

Ele – Para as rabanadas.

Ela – Ovos frescos, queres dizer?

Ele olha para ela, um pouco inquieto.

5. A porta

Ela está ali, com um copo de café na mão. Ele chega, também com um copo. Trocam um ligeiro sorriso e bebem em silêncio.

Ela – Continua tão intragável como sempre, este café.

Ele – Sim... Mas hoje, para mim, tem um sabor especial.

Ela – Ah, sim...?

Ele – É a última vez que o bebo.

Ela – A última vez...?

Ele – É o meu último dia. Esta noite já estarei reformado.

Ela – Assustou-me... Pensei que, depois de acabar o café, se ia atirar pela janela para protestar contra a qualidade do café nesta empresa de merda. Bem, talvez isso os convencesse a trocar a máquina.

Ele – Lamento, receio que essa máquina ainda cá esteja amanhã.

Ela – Vou continuar condenada a beber esta zurrapa. E já nem sequer terei o prazer da sua conversa tão animada.

Ele – É a primeira vez que nos cruzamos. Não me diga que é o seu primeiro dia aqui.

Ela – Trabalho na outra ala do edifício, para os seus antigos concorrentes. Para poupar, eliminaram a nossa máquina de café...

Ele – Já percebo...

Ela – Não se preocupe. Era exatamente a mesma máquina e o café igualmente intragável.

Ele – Deve haver um monopólio. Como nas máquinas de jogo...

Ela – Não vai ter saudades de acordar todos os dias às seis da manhã, passar uma hora nos transportes para chegar aqui, aborrecer-se durante oito horas a fazer um trabalho que não serve para nada e, à noite, voltar para casa sabendo que no dia seguinte começa tudo de novo?

Ele – Não vai ser fácil. Vou tentar habituar-me... Mas diga-me uma coisa: começo a duvidar da minha sanidade mental. Trabalho aqui há trinta anos e nunca tinha reparado que havia um corredor naquele sítio.

Ela – O corredor sempre lá estive, mas a porta de acesso estava vedada.

Ele – Ah, sim, é verdade. Havia uma porta... Eu pensava que era a porta de um armário.

Ela – Voltámos a abrir a porta para que o pessoal do outro lado pudesse vir beber café aqui. Já que ficámos sem máquina...

Ele – Já percebo... Então, esse corredor leva a...

Ela – Ao armário onde instalaram o meu posto de trabalho. Entre outras coisas... Sou responsável pelo controlo de gestão. Sou eu quem audita a empresa do lado.

Ele – De acordo... Então trabalha para...

Ela – Para o seu novo patrão. Quer dizer, até esta noite. Comprámos a sua empresa há dois meses.

Ele – Então é a si que devo a minha reforma antecipada?

Ela – Espero que não me guarde demasiado rancor...

Ele – De modo nenhum... Até lhe devia agradecer.

Ela – Não me agradeça, por favor... Não fizemos isto para lhe abreviar o sofrimento, sabe? Foi só uma redução de pessoal depois de uma fusão e aquisição. Primeiro eliminámos uma em cada duas máquinas de café. Depois fizemos o mesmo aos funcionários...

Ele – Estou a ver... E a senhora? O que é que a faz levantar-se de manhã?

Ela – Não sei... Este café é absolutamente intragável, mas pergunto-me se não será viciante. Tenha cuidado: amanhã de manhã ainda pode ter sintomas de abstinência. Vá, boa reforma...

Ele – Obrigado...

Ele fica a olhar para ela a afastar-se.

6. Sala dupla

Ela está ali. Ele chega, com ar preocupado.

Ela – Então? Pareces preocupado...

Ele – Nada de grave, garanto-te... Esperava ter a certeza para te contar, mas...

Ela – Estás a assustar-me, o que se passa?

Ele – Já reparaste que a nossa sala é muito menos profunda do que a cozinha?

Ela – Desculpa...?

Ele – A cozinha fica mesmo do outro lado, não é? Separada da sala por uma parede divisória.

Ela – Sim, pode ser. E então?

Ele – Em princípio, a sala devia ter o mesmo comprimento da cozinha.

Ela – E...?

Ele – Faltam três metros e cinquenta.

Ela – Três metros e cinquenta?

Ele – Três metros e cinquenta e oito, para ser exato.

Ela – Tens a certeza?

Ele – Absolutamente. Medi tudo três vezes.

Ela – É uma casa antiga. Naquela altura, pode ser que as paredes não fossem muito direitas.

Ele – Três metros e cinquenta e oito! Não estamos a falar de uma parede ligeiramente torta ou mais grossa do que as outras. Como a sala tem seis metros de largura, isso dava uma divisão com mais de vinte e um metros quadrados.

Ela – Uma divisão?

Ele – Uma divisão.

Ela – Estás a assustar-me. Queres dizer uma divisão emparedada?

Ele – Sim. Pode dizer-se assim.

Ela – Mas comprámos esta casa há vinte anos! Não teríamos reparado que faltava uma divisão?

Ele – Os números estão aí. Verifiquei três vezes.

Ela – É uma loucura.

Ele – E pensar que, durante todos estes anos, tive o escritório no fundo da garagem, entre a caldeira e o congelador. Vinte e um metros quadrados! Já imaginaste? Podíamos ter aproveitado essa divisão para fazer um escritório!

Ela – Ou um quarto de criança...

Ele – Pois...

Ela – Mas como é possível...? Porque haveria alguém de emparedar uma divisão inteira?

Ele – Não sei...

Ela – É de arrepiar, não é?

Ele – O quê?

Ela – Saber que, durante vinte anos, passámos todas as noites nesta sala, sem imaginar que, mesmo ao lado, havia outra da mesma dimensão, completamente vazia...

Ele – Sim, mas... Vazia, não sabemos...

Ela – Como?

Ele – Pode ser que não esteja vazia.

Ela – Como assim, não está vazia? Achas que os antigos proprietários poderiam ter escondido lá alguma coisa?

Ele – Porque não? Se não, para quê emparedar uma divisão?

Ela – O que é que alguém poderia querer esconder para chegar ao ponto de emparedar uma divisão da própria casa?

Ele – Um tesouro?

Ela – Seria demasiado bonito...

Ele – Um cadáver...

Ela – Um cadáver?

Ele – Porque não...

Ela – Vinte metros quadrados para esconder um cadáver?

Ele – Talvez fossem vários...

Ela – Ou talvez a pessoa ainda estivesse viva quando a emparedaram...

Ele – Ele ou ela...

Ela – Ou os dois.

Ele – E se os antigos proprietários ainda lá estiverem...?

Silêncio sepulcral.

Ela – Não sei se consigo continuar a viver nesta casa sabendo que pode haver um ou vários cadáveres mesmo atrás desta parede...

Ele – É só uma hipótese.

Ela – Sim, mas eu preciso de ter a certeza.

Ele – Tens razão, é preciso saber.

Ela – E já. Não passo mais uma noite nesta casa sem saber o que há nessa divisão.

Ele – Eu também não...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Deixa comigo...

Ele sai. Ela lança um olhar angustiado para a parede que corresponde à quarta parede do palco. Ele volta com uma marreta.

Ela – Tens a certeza?

Ele – Temos de tirar isto a limpo.

Escuridão. Ouvem-se pancadas de marreta. A luz regressa. Olham em direção ao público, como se estivessem diante de um enorme buraco na parede.

Ela – O que é aquilo?

Ele – Uma sala em perfeito estado, quase igual à nossa.

Ela – Nem um grão de pó.

Ele – É incrível...

Ela – Achas que ainda vive aqui alguém?

Ele – Não sei... Ao mesmo tempo... Parece-se muito com a sala dos vizinhos.

Ela observa com mais atenção.

Ela – É a sala dos vizinhos!

Ele – Não percebo... Devo ter-me enganado nas contas.

Ela – Ah, sim...? Pois vais ter de lhes explicar quando voltarem...

7. Aqui a Terra

Ela e ele estão de pé em frente ao público, e não parecem ver-se um ao outro.

Ela – Está lá, Marte?

Ele – Ah, olá, Terra!

Ela – Reconheceste a minha voz? E já há tanto tempo que não falamos...

Ele – Não foi há tanto tempo assim, estás a exagerar...

Ela – Espera, foi exatamente...

Ele – Há cento e dez mil anos. No início da tua última glaciação. Liguei-te para saber como estavas.

Ela – É verdade. O tempo passa tão depressa.

Ele – Então já estás melhor, aqueces-te um bocadinho?

Ela – Sim, sim, não te preocupes. Foi só uma ligeira constipação.

Ele – Melhor assim, melhor assim...

Ela – Mas olha, já há algum tempo acho que apanhei outra porcaria.

Ele – Outra vez?! Bolas... Apanhas tudo o que anda por aí. E há quanto tempo andas assim?

Ela – Oh, não muito. Uns dez mil anos, mais ou menos.

Ele – E que doença é essa?

Ela – A humanidade. É um vírus novo, pelos vistos. Ainda não há vacina.

Ele – E é grave?

Ela – Ainda não se sabe muito bem como pode evoluir.

Ele – Que azar... Mas estás bem?

Ela – Por agora, sim. Só que tenho um bocadinho de febre há uns cem anos...

Ele – Aquecimento global... Não devias deixar andar, sabes? Pode piorar...

Ela – Tens razão. Se não melhorar nos próximos cinco ou dez mil anos, vou ter de procurar tratamento.

Ele – Pois... Tem cuidado com os efeitos secundários, de qualquer forma. Às vezes, o remédio é pior que a doença. Lembras-te quando apanhaste aquilo...?

Ela – Os dinossauros.

Ele – Isso mesmo. Deram-te um tratamento de choque e...

Ela – Ah, sim, aquele meteorito... Que supositório! Ia-me custando a vida.

Ele – Bem, depois livraste-te deles para sempre.

Ela – Sim, mas demorei bastante a recuperar... E tu, como tens passado?

Ele – Oh, eu, já sabes... Tudo na mesma. E não é agora que vai melhorar.

Ela – Não digas isso...

Ele – À minha idade.

Ela – Temos a mesma idade!

Ele – Que se há-de fazer, é o que há.

Ela – Às vezes basta uma pequena chuva de asteroides carregados de água e sais minerais, durante uns milhões de anos, e já podemos dar outra volta ao Sol.

Ele – Tens razão, é preciso manter o ânimo.

Ela – Bem, desculpa, tenho de me eclipsar. Mas cuidado com este novo vírus. Dizem que é muito contagioso.

Ele – Achas que pode chegar até aqui?

Ela – Seja como for, parece que a Lua já está contaminada. Cuida-te.

Ele – Tu também. E não esperes outra eternidade para voltar a ligar-me.

Ela – Prometo.

Ele – Vá, dou-te um beijo. Mas de longe...

Silêncio, assinalando o fim da conversa. Ela tosse e espirra.

Ela – Que praga, esta humanidade! Vou ter de me tratar antes que a coisa piore. Não queria acabar no estado em que está o pobre Marte...

8. Inspeção técnica

Ela limpa as mãos com um trapo cheio de óleo e gordura. Ele chega.

Ele – Bom dia. Venho buscar o carro que a minha mulher deixou aqui há uma hora para a inspeção periódica obrigatória.

Ela – Como se chama ela?

Ele – Clara. Clara Santos.

Ela – E o carro?

Ele – Eu... Ainda não lhe dei uma alcunha, mas... É um Ford Fiesta. Já está pronto?

Ela – Ah, sim, o Ford Fiesta da senhora Santos. Sei perfeitamente qual é...

Ele – E... Está pronto?

Ela – Pronto...? Depende...

Ele – Depende? Depende de quê?

Ela – Depende do que se entende por pronto.

Ele – Bem... Não sei. Já fez a inspeção?

Ela – Sim. Examinei o veículo.

Ele – E...? Está tudo bem?

Um momento.

Ela – Posso falar-lhe com franqueza?

Ele – Eh... sim.

Ela – É um carro que não está nada bem.

Ele – O que é que não está bem? A embraiagem, não é? Notava que patinava um pouco ao arrancar...

Ela – Sim, a embraiagem também. Mas não é isso o que me preocupa.

Ele – Acho que sou eu quem se devia preocupar, não? Afinal, qual é o problema?

Ela – É difícil explicar... É uma questão do estado geral, percebe?

Ele – Não. Pode ser um pouco mais precisa?

Ela – É um carro em segunda mão, não é?

Ele – Sim, de facto.

Ela – E a anterior proprietária era uma pessoa idosa.

Ele – Sim, como é que sabe?

Ela – Um carro com quase dez anos, mas em ótimo estado e com pouquíssimos quilómetros... Vê-se que passou muito tempo guardado no aconchego de uma garagem. Nunca viajou muito. Quase não andava, mas a antiga dona tratava-o com todo o carinho... Até vir parar às suas mãos.

Ele – E como é que sabe que era uma mulher?

Ela – A embraiagem, precisamente. As senhoras de idade costumam deixar a embraiagem patinar. Não têm culpa. Daí o desgaste...

Ele – Aqui quem está a ficar cansado sou eu... Se me dissesse, de uma vez, quais são as reparações necessárias...

Ela – Receio que não seja assim tão simples... Morreu?

Ele – Pensava que era a senhora que me devia dizer isso. O carro está assim tão mal?

Ela – Não. Refiro-me à senhora idosa a quem comprou este pobre carro. Já faleceu?

Ele – Mas eu sei lá! Nem sequer conheço essa senhora. No stand disseram-me apenas que a antiga proprietária era uma senhora de idade que quase não conduzia.

Ela – Na minha opinião, está morta.

Ele – O meu carro?

Ela – Essa senhora.

Ele – Mas isto é absurdo! Que conversa é esta? Pergunto-lhe se posso levar o carro e a senhora começa a falar-me da antiga proprietária!

Ela – É que os dois problemas estão estreitamente ligados.

Ele – Ah, sim...?

Ela – Claro que sim. Este carro nunca recuperou da perda da antiga dona.

Ele – Nem sequer sabemos se morreu!

Ela – Morreu, acredite em mim.

Ele – O meu carro?

Ela – Pelo que vejo, este carro dorme na rua. Estou enganada?

Ele – Não tenho garagem. Isso é um problema?

Ela – Podia ao menos cuidar um bocadinho dele de vez em quando. Deixar um carro neste estado não é cristão.

Ele – Isto é para os apanhados, não é? Onde está a câmara?

Ela – Não estou a brincar. Os carros também merecem alguma atenção. Respeito. Até carinho.

Ele – Pronto, já chega de disparates! Posso levar o carro, sim ou não?

Ela – Tome. Aqui tem o certificado da inspeção.

Ele – Obrigado...

Ela – E aqui estão as chaves...

Ele – Muito bem.

Ela – Mas permita-me dizer-lhe que não merece este carro.

Ele – O carro é da minha mulher!

Ele prepara-se para sair, furioso.

Ela – E não se esqueça de mudar a embraiagem!

Ele sai.

9. Esperar

Ela está ali. Ele chega.

Ele – Desculpe, a senhora faz parte de...

Ela – Não.

Ele – De acordo, então a senhora também...

Ela – Sim.

Ele – E já está há muito à espera?

Ela – Muito?

Ele – Bem, é que morri há mais de uma hora e... Continuo à espera.

Ela – E o que é que espera, exatamente?

Ele – Não sei... Que alguém trate de mim.

Ela – Que alguém trate de si?

Ele – Fui às urgências porque não me estava a sentir bem... Esperei cinco horas até alguém me atender. Pergunto-me por que lhes chamam urgências. Se me tivessem atendido logo... Aliás, se calhar foi por isso que vim aqui parar...

Ela – Seguramente.

Ele – Tenho a sensação de ter passado a vida inteira à espera. Dizem que passamos um terço da vida a dormir, mas acho que passei pelo menos outro terço à espera. À espera do autocarro, da minha mulher, da hora, do momento certo, de ser recebido, no médico, no dentista, no cabeleireiro, à espera das férias, da reforma...

Ela – Se não gosta de esperar, aqui não vai melhorar.

Ele – Porque acha que isto vai durar muito?

Ela – A eternidade.

Ele – A eternidade? Quer dizer... para sempre?

Ela – Quando se está morto, é para sempre, não é?

Ele – Então vamos esperar assim até...

Ela – Aconselho-o a deixar de esperar... E a apagar do seu vocabulário tudo o que tenha a ver com o tempo. Ontem, hoje, amanhã... Desde quando, até quando, durante quanto tempo... E, sobretudo, esqueça a palavra «urgência».

Ele – Já percebo o que quer dizer, mas... alguma coisa terá de acontecer um dia, não?

Ela – Não.

Ele – Bem... então, o que fazemos?

Ela – Nada. Não fazemos nada. O que poderíamos fazer? Estamos mortos!

Ele – Não sei... Então não vai acontecer nada e não podemos fazer absolutamente nada?

Ela – Sim. Há apenas uma coisa que pode fazer aqui.

Ele – Ah, sim? Que coisa?

Ela – Fazer-se de morto.

Ele olha para ela, perplexo.

Ele – Bem...

Ela – O que é que imaginava? A vida eterna?

Ele – Esperava pelo menos livrar-me da morte eterna... Então isso é o além? Não há nada depois?

Ela – Não sabemos. Quando perdermos toda a noção do tempo... Quando nos esquecermos de tudo, até de quem fomos... Talvez sejamos reciclados. As nossas almas em decomposição tornar-se-ão o composto onde um dia germinarão novas sementes. Mas, por agora... Quer dizer, para sempre, no que nos diz respeito... Temos de fazer o luto por nós próprios.

Ele – De acordo... *[Um momento]* Então, há pelo menos uma pequena esperança de sair disto?

Ela lança-lhe um olhar perplexo.

10. O quadro

Ele está ali. Ela chega com um quadro: o retrato de uma jovem, que mais parece um borrão do que uma obra-prima, mas com uma moldura dourada.

Ele – Que horror é este?

Ela – Estava pendurado por cima da cama da minha bisavó, no lar. Sempre que ia visitá-la, dizia-me que o quadro havia de ser meu depois de ela morrer...

Ele – Muito generoso da parte dela. Sobretudo tendo em conta que, tirando esta aberração, não deixou mais nada a ninguém...

Ela – A minha mãe foi ontem esvaziar o quarto. E deu-me o quadro.

Ele – É um retrato... De quem?

Ela – Da minha trisavó, acho eu...

Ele – Até era bonita... Quando era nova. Faz-me lembrar um bocadinho de ti...

Ela – Achas mesmo?

Ele – E o que pensas fazer com isto?

Ela – Não sei... Também não o posso deitar fora...

Ele – Não, claro... Mas daí a pendurá-lo na sala...

Ela – Podíamos pendurá-lo por cima da nossa cama...

Ele – Estás a brincar?

Ela – Evidentemente...

Ele – Em que ano nasceu a tua bisavó?

Ela – Em 1910, em Auvers-sur-Oise, a aldeia onde Van Gogh passou os últimos dias.

Ele – Em Auvers? Incrível! Se tivesse nascido vinte anos antes, ainda podia ter conhecido Van Gogh!

Ela – Ela dizia sempre que a mãe o conheceu bem.

Ele – Não...? O Van Gogh?

Ela – Sim.

Ele – Mas quando dizes «conheceu bem»...

Ela – Não sei.

Ele – Se afinal fores trineta de Van Gogh...

Ela – Quem sabe...

Ele – E, como não deixou outros descendentes conhecidos, serias a herdeira da sua fortuna.

Ela – Da fortuna dele?

Ele – Pois... Tens razão. Os que compraram os quadros dele estão riquíssimos, mas o pintor morreu na miséria. E este quadro...?

Ela – A minha bisavó dizia que o herdou da mãe...

Ele – Mas de onde saiu? Quem pintou este quadro?

Ela – Não sei.

Ele – Não está assinado?

Ela – Não... Ou talvez a assinatura já se tenha apagado.

Ele – Estás a pensar o mesmo que eu?

Ela – Sim... Mas não, não é possível...

Ele – Se a tua antepassada o conhecia bem... Naquela altura, ninguém queria os quadros dele e ele não tinha um tostão. Aposto que era capaz de oferecer um em troca de uma refeição quente. E por uma queca, imagina...

Ela – Está bem, chama-lhe logo prostituta, à minha trisavó!

Ele – Não estou a dizer isso... Mas podia ter sido uma pequena prenda.

Ela – Não, e tu próprio o disseste: olha bem para esta porcaria!

Ele – Sinceramente, já vi quadros em museus... Se não soubéssemos que estavam assinados por grandes mestres... O que é que percebemos nós de pintura?

Ela – Tens razão... Era melhor pedir uma avaliação.

Ele – Imagina... Um Van Gogh. Mesmo que não fosse dos melhores, valia milhões.

Ela – Não vale a pena iludirmo-nos demasiado também...

Ele – Sim... Se calhar até é melhor ficar com a dúvida. Sonhar mais um bocadinho, em vez de desfazer já o encanto.

Ela – E uma avaliação deve custar uma fortuna. Para depois nos dizerem que é a obra de um pintor de fim de semana...

Ele – Mas então, até me apetece pendurá-lo agora mesmo por cima da nossa cama.

Ela – Porquê?

Ele – Não sei... Pensar que Van Gogh pintou isto para ir para a cama com a tua trisavó... E que agora vale milhões. Seria a queca mais cara do mundo, não era?

Ele pega no quadro para o observar.

Ela – Não tenho a certeza de que isso me entusiasme muito.

Ele – Este quadro pesa uma tonelada, não pesa?

Ela – É verdade, eu também reparei.

Ele – Afinal, não me parece boa ideia pendurá-lo por cima da cama. E se nos cai em cima...?

Ela – Porque é que este quadro é tão pesado?

Ele – Não é a tela, deve ser a moldura...

Ela – Normalmente, as molduras são de madeira...

Ele – Para ser de madeira, pesa demais.

Ela – Ou então é de ferro fundido.

Ele – Uma moldura de ferro fundido? Além disso, não tem cor de ferro fundido.

Ela – Talvez seja tinta.

Ele raspa a moldura com a unha.

Ele – Parece que não...

Ela – Estás a pensar o mesmo que eu?

Ele – Sim... só conheço um metal que seja dourado.

Ela – Se isto for ouro, temos aqui pelo menos o equivalente a um lingote.

Ele – Afinal, se calhar este quadro ainda vale alguma coisa.

Ela – Em qualquer caso, podemos sempre sonhar...

11. Diploma com distinção

Os dois estão de pé, de frente para o público.

Ela – Pronto, já está. Conseguimos acabar o secundário.

Ele – Sim... Com distinção: Coronavírus.

Ela – Os nossos avós fizeram o exame final em maio de 68. Nós acabámos o secundário em plena pandemia.

Ele – Nessa altura, deram o diploma a toda a gente porque as ruas estavam cheias de manifestantes a exigir mais democracia. Hoje, com o confinamento, nem sequer podemos sair à rua para protestar contra o estado de emergência.

Ela – Já para não falar da ascensão dos regimes autoritários na Europa. Antes da queda do Muro, a Hungria era um dos países mais abertos do bloco soviético. Hoje figura entre os mais autoritários da União Europeia.

Ele – Afinal, Einstein tinha razão: tudo é relativo. Se calhar, não foram os húngaros que mudaram. Foi o mundo à sua volta.

Ela – A História mostra-nos que a Hungria sempre funcionou como uma espécie de termómetro da Europa. Quando a Hungria tem febre, é sinal de que a Europa está doente.

Ele – E, se me permites a expressão, desta vez enfiaram-nos o termómetro pelo cu acima.

Ela – Pois...

Ele – Não podemos esquecer as lições da História.

Ela – Quem esquece a História está condenado a repeti-la.

Ele – Até parece uma pergunta de exame de Filosofia.

Ela – Ainda bem que este ano não tivemos de o fazer.

Ele – E, no entanto, até percebemos bastante de História.

Ela – Afinal, acabámos o secundário.

Ele – Pergunto-me que espécie de diploma terão os nossos netos.

Ela – Seja como for, uma distinção obtida numa escola de elite não vai valer o mesmo que um diploma de uma escola de que ninguém ouviu falar.

Ele – Estamos bem tramados, é o que te digo.

Ela – E o que podemos fazer?

Ele – Não sei. As revoluções não resultam. As reformas também não.

Ela – Depois de cada crise, prometem-nos que nada voltará a ser como dantes.

Ele – E, de certo modo, têm razão. Depois é sempre pior.

Ela – Então o que nos resta?

Ele – O amor. *(Sem grande convicção)* Queres sair comigo?

Ela – É a pior declaração de amor que já ouvi na vida.

Ele – Além disso, nem sequer podemos sair. Ainda estamos confinados.

12. Os fantasmas

Ele observa o público através de um telescópio. A personagem pode ser uma criança ou um adulto a fazer de criança. Ela é a mãe ou a professora.

Ela – Vês aquela estrela para onde aponte o telescópio?

Ele – Sim.

Ela – À volta dessa estrela giram planetas.

Ele – Sim, estou a vê-los.

Ela – Um desses planetas é habitável, e está habitado.

Ele – Vejo-o.

Ela – Os habitantes chamavam-se seres humanos.

Ele – Vejo-os.

Ela – E conseguiram tornar o seu planeta inabitável.

Ele – E então?

Ela – Então, todos morreram.

Ele – E, no entanto, continuo a vê-los.

Ela – Porque esse planeta fica a milhões de anos-luz do nosso. O que vês é o passado. Na realidade, já morreram todos.

Ele – Então os que vejo são apenas fantasmas.

Ela – Sim. O último morreu há cem mil anos.

Ele – É curioso.

Ela – Sim.

Ele – Mas então como sabes que morreram, se a imagem do fim do mundo deles ainda não chegou até nós?

Ela – O teletransporte quântico é instantâneo. Não obedece às leis do espaço-tempo. Há um mês, teletransportámos uma sonda até lá. Não encontrámos qualquer sinal de vida à superfície.

Ele – Um suicídio coletivo... Mas porque fizeram isso?

Ela – Não sabemos.

Ele – Não sabemos?

Ela – Não. E, no entanto, já fizemos descobertas científicas extraordinárias. Mas isto ainda não conseguimos compreender. É um dos mistérios do universo que nos falta resolver.

Ele – Os fantasmas de uma humanidade desaparecida, numa Terra que eles próprios transformaram num deserto... Vou continuar a observá-los, a ver se consigo compreender...

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>

<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>

<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-38602-364-4

Documento para download gratuito